

A TEMÁTICA INFANTO-JUVENIL NOS CORDEIS CONTEMPORÂNEOS DE AUTORIA FEMININA: RELEVÂNCIA PEDAGÓGICA.

NASCIMENTO, José Leandro Cabral do. (PFAUPE / CELLUPE / UPE)¹

UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO-UPE

RESUMO:

Este trabalho aborda a temática infanto-juvenil nos cordéis contemporâneos de autoria feminina. Analisamos dois folhetos de escrita feminina, publicados no período de 2007 a 2011. Deste modo, busca-se popularizar a produção feminina de folhetos de cordel segundo uma ótica pouco discutida e disseminada, o imaginário infanto-juvenil presente nesses folhetos. Além disso, apresentamos sugestões sobre a postura metodológica pelas quais o texto literário deve ser introduzido na sala de aula. Por fim, abordamos a questão de gênero relacionada ao universo feminino presente nos folhetos de cordel. Para isso, amparamo-nos nos pressupostos teóricos de BARBOSA, 2010; QUEIROZ, 2006 e PINHEIRO, 2011, que tratam respectivamente das questões de gênero no cordel e ensino.

PALAVARAS-CHAVE: Cordel; Gênero; Imaginário infanto-juvenil.

INTRODUÇÃO:

O presente trabalho está subordinado ao projeto de iniciação científica intitulado “Literatura e Gênero: percepções do universo feminino no folheto de cordel”. Vale ressaltar que este projeto foi aprovado pelo Programa de Fortalecimento Acadêmico da Universidade de Pernambuco, contando com bolsa de IC para o ano vigente. Deste modo, esta pesquisa objetiva problematizar a questão de gênero que perpassa a produção contemporânea de folhetos de cordel de autoria feminina, buscando, assim, identificar de que forma a mulher, em sua escritura, enxerga ao homem e a si própria. Assim sendo, realizando um recorte nos resultados preliminares do referido estudo, analisamos a temática infanto-juvenil presente em dois folhetos, um de autoria de Érica Montenegro, publicado em 2011, e outro escrito por

¹ O autor é bolsista de IC do Programa de Fortalecimento Acadêmico da Universidade de Pernambuco (PFAUPE) pelo Campus Mata Norte da referida instituição. Integra o Centro de Estudos Linguísticos e Literários da UPE (CELLUPE), desenvolvendo pesquisas acerca da produção contemporânea de folhetos de cordel de autoria feminina no Laboratório de Estudos Literários (LEL), coordenado pela Dr.^a Amara Cristina de Barros e Silva Botelho.

Maria Nelcimá de Moraes Santos em 2007, identificando as imagens que povoam estes folhetos de cordel e apresentando sugestão acerca da postura metodológica pela qual os folhetos devem ser introduzidos no cotidiano escolar.

Nesta perspectiva, realizamos, inicialmente uma rápida abordagem acerca dos aspectos inerentes ao folheto do cordel, passando, adiante, a discutir aspectos relativos à questão de gênero e, finalmente, abordaremos a temática infanto-juvenil presente nos cordéis das autoras acima citadas, por meio da análise do imaginário presente em tais escrituras. Por fim, relacionaremos alguns elementos referentes à relevância pedagógica do trabalho com o cordel na sala de aula.

A Literatura de Cordel e a questão de gênero: breves considerações.

Denomina-se literatura de cordel o fenômeno literário surgido na Península Ibérica, de caráter essencialmente escrito, apesar da forte influência da oralidade, e que passou a ser comercializado pendurado em cordões. Estruturalmente, o folheto ou livreto de cordel é construído em sextilha e impresso em papel frágil e barato. No passado, estes livretos eram fabricados nas próprias residências dos poetas e, posteriormente, vendidos nestas ou nas feiras, em barracas improvisadas, ou em malas carregadas, muitas vezes, pelos próprios poetas. Ao contrário do que se acredita através do empirismo popular, a literatura de cordel não é exclusividade do nordeste brasileiro, se fazendo presente em outros países e regiões brasileiras. Mark. J. Curran, ao tratar deste assunto afirma:

A Literatura chamava-se “Literatura de Cego”, em Portugal, pela lei promulgada pelo Rei Dom João V em 1789, a qual deu o direito de vender essa literatura à “Irmandade do Menino Jesus dos Homens cegos de Lisboa”. Poesia semelhante vendida na França era “Littérature de Colportage” e na Espanha, “pliegos sueltos”. (CURRAN, 1973: p.12)

A literatura, como qualquer outro objeto de criação artística, é produzida no tempo e no espaço. E, portanto, surge carregada pelos valores que permeiam o seu contexto de produção. Os primeiros folhetos de cordel surgem, no Brasil, por volta da metade do século XIX. Neste contexto, a sociedade brasileira está inserida em valores discriminatórios, marcados pela diferença de posições sociais relativos a homens e mulheres. Em uma sociedade regida por valores patriarcais, a divisão dos respectivos papéis de homens e mulheres, sempre foi feita de forma antagônica: ao homem, chefe supremo do lar, caberia

trabalhar em busca do sustento dos membros do seu grupo familiar. À mulher, figura dominada e subserviente ao homem, caberia uma vida doméstica, isto é, ser a responsável pela manutenção da casa e a educação dos filhos. O fato acima citado pode ser confirmado, inclusive, segundo a ótica da educação formal na colônia. Os meninos deveriam frequentar à escola, enquanto as meninas, em grande parte dos casos, não o podiam, pois a elas apenas interessava o conhecimento de como realizar as atividades domésticas. Portanto, na leitura e, conseqüentemente, na escrita não havia espaço para as mulheres. Núbia Borges e Vera Lúcia Moraes, em um estudo realizado sobre as formas de representação da mulher no cordel, na década de oitenta do século passado, sintetizam o papel destinado à mulher da seguinte forma:

No sertão nordestino, o conceito de esposa ideal é aquela que é ao mesmo tempo **pombinha, formiguinha e galinha**. Pombinha é aquela que se mostra sempre terna e asseada; formiguinha é a laboriosa, que auxilia o marido no sustento do lar; e galinha é a que se revela como mãe amorosa, sempre solícita no tratamento dos filhos. (BORGES; MORAIS, 1981: p. 12).

O discreto percentual de mulheres produtoras de folhetos se deve ao fato como o gênero feminino foi tratado durante toda a história: muitas mulheres eram privadas da participação no processo de criação do cordel, e outras, por não serem alfabetizadas não podiam escrevê-los, pois apesar da forte influência da oralidade o cordel é um objeto de elaboração estética de caráter escrito.

Desta maneira, estas mulheres atuavam apenas na tessitura mnemônica da poesia popular e aquelas que dominavam a escrita e se aventuravam na publicação de suas criações, o faziam, muitas vezes, usando pseudônimos masculinos.

Como afirmamos anteriormente, o papel da mulher tem se modificado ao longo do tempo. Atualmente, como é conhecido por todos, não existe mais um índice de analfabetismo tão alto, mas ainda hoje as mulheres são minoria em um universo, voltamos a afirmar, marcado pela predominância masculina.

Outro trabalho que se ocupou em investigar a participação feminina no universo da poesia popular foi o artigo do professor Laércio Queiroz. Mergulhando no universo das mulheres repentistas, chamadas por ele de artesãs mnemônicas, temos:

Em congressos de cantadores, não raro, quando há participação feminina, esta se restringe à mera observação ou apenas a papel coadjuvante, “sendo raríssimas às vezes em que podem competir livremente em dupla com outro repentista ou com outra violeira”. (QUEIROZ, 2005: p. 22).

Portanto, apesar das conquistas das mulheres ocorridas na atualidade, o universo da cultura popular permanece atuando como um local de transmissão de preconceitos sexistas e moralistas. Assim, compartilhando do pensamento de Sílvio Romero, citado por Doralice Alves de Queiroz, segundo o qual as mulheres são as responsáveis pela criação de muitas das cantigas que fazem parte do Cancioneiro popular brasileiro, ainda hoje é negado a estas artistas o direito de expor a sua arte livremente.

Diante do acima exposto, é comum o desconhecimento, por grande parte da população, da existência de mulheres na condição de cordelistas. Uma busca em antologias especializadas, ou em locais de referência no comércio de artigos populares também são capazes de confirmar esta constatação. Em um estudo realizado no ano de 2006, como parte dos requisitos da pesquisa do mestrado, a professora Doralice Alves de Queiroz da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) realizou um levantamento das mulheres cordelistas em diversas regiões do país, partindo do quantitativo de folhetos desta natureza em diversos arquivos especializados, tais como: USP/IEB-(SP) com cinco títulos de autoria feminina; Fundação Cultural de São Paulo-(SP) com quatorze folhetos de autoria feminina; ABLIC-(RJ) com seis folhetos produzidos por mulheres; FUNARTE-(RJ) contendo dez títulos da mesma categoria; Fundação Cultural da Bahia-(BA) com trinta e sete folhetos de autoria feminina; UFBA/ PEPLP-(BA) reunindo dez folhetos produzidos por mulheres cordelistas; Fund. Casa J. Américo-João Pessoa (PB) contendo cinco exemplares de autoria feminina; UFPB-(PB) com um total de oito exemplares da mesma categoria e a UFCG-(PB) reunindo vinte e cinco folhetos escritos por mulheres. Vale ressaltar que o quantitativo acima exposto foi computado no período de junho de 2004 a novembro de 2005.

Além disso, ao tentarmos localizar trabalhos acadêmicos que tratem do assunto, como artigos, teses e dissertações. Também nos impressionamos com a enorme discrepância entre o quantitativo de pesquisas que se dedicam ao estudo dos folhetos de autoria masculina e feminina. Deste modo, até o presente momento, encontramos, apenas, uma tese da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), um artigo publicado pela Faculdade Frassinete do Recife (FAFIRE) e uma dissertação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Outros trabalhos se apresentam com o objetivo de estudar a mulher na Literatura de Cordel, mas recorrendo à forma como estas são representadas nos folhetos de autoria masculina. Outro estudo realizado na Universidade Federal de Pernambuco na década de 1980, de autoria de Núbia Borges e Vera Lúcia Moraes, também pode ser enquadrado na mesma categoria

deste, pois ao estudar a mulher no cordel, recorrem apenas às construções das personagens femininas nos cordéis escritos por homens.

Diante dos pressupostos acima apresentados, percebe-se que a figura feminina permanece sendo minoria no espaço da literatura popular. Mesmo assim, muitas mulheres dedicam-se à produção do cordel. Esta produção é dotada de características próprias, onde suas autoras, de um modo geral, representam por meio da narrativa contida em seus folhetos, situações inspiradas no real, abordando, geralmente, de modo jocoso, as situações características do sistema patriarcal, ou criando uma nova linguagem acerca do universo feminino.

O imaginário infanto-juvenil nos folhetos contemporâneos de autoria feminina: relevância pedagógica.

O ministério da Educação e Cultura (MEC) a partir do ano de 2011 realizou a adoção dos folhetos de cordel como fonte de estudo nas escolas públicas. Desta forma, observamos um significativo avanço no sentido da superação dos preconceitos acerca da cultura popular. Neste sentido, a academia tem uma importância estratégica no combate à estagnação de tais preconceitos, valorizando, assim, as raízes da nossa cultura.

Outro aspecto relevante, conforme evidenciamos anteriormente, diz respeito à popularização da produção feminina de folhetos, o que, de certa forma, poderia ser iniciada a partir do trabalho com os textos destas mulheres cordelistas em sala de aula. Nesta perspectiva, passamos à análise dos folhetos acima mencionados, indicando, paralelamente, possíveis estratégias de trabalho com esses cordéis.

Inicialmente, analisaremos o folheto de Maria Nelcimá de Moraes Santos, intitulado “A trajetória do leãozinho”. A cordelista Nelcimá nasceu no município de Santa Luzia na Paraíba no dia 31 de julho de 1957. Já no início do folheto percebemos a quem este se destina, conforme observamos:

À querida criança

Agora eu vou recontar

A vida dum leãozinho
Que num conto eu fui achar
Era um conto infantil
Do autor não vou lembrar
(SANTOS, 2007: p.3)

Percebemos claramente o apelo a um público infantil. Nota-se ainda a indicação de uma possível relação intertextual entre o folheto e um conto que, provavelmente, faz parte do romanceiro popular. Tal relação só poderia ser confirmada, mediante o conhecimento a partir da indicação que qual conto está sendo recontado. Mais adiante temos:

Esse vivo leãozinho
Queria ligeiro crescer
(...)

Vivia muito feliz, num
Zoológico a brincar
Na companhia dos amigos
Ele podia se orgulhar
Só não lembro do seu nome
Leãozinho eu vou chamar
(SANTOS, 2007: p.4)

O narrador prossegue com as descrições acerca das peripécias do leãozinho. Faz-se um detalhamento do ambiente no qual a narrativa se passa e prossegue-se com a narrativa. No final observamos o seguinte trecho:

Neste cordel infantil
Eu quero humilde deixar
Lições de um leãozinho
Contadas para rimar
Isaac, é para você,
Meu neto, quando crescer

Aos seus amigos contar.

(SANTOS, 2007: p.13)

Assim sendo, observamos o motivo pelo qual o folheto foi escrito: homenagear uma criança. A dedicatória ao neto da cordelista mostra claramente esta intencionalidade. Deste modo, no decorrer da narrativa, percebemos uma forte presença do fantástico, recurso pelo qual a cordelista objetiva atrair leitores do público infantil. Animais com atos humanizados, exemplificam certa antropomorfização das personagens. Outro fato relevante, diz respeito à forte presença de ilustrações entre as estrofes do folheto, o que além de configurar uma novidade, nos revela mais uma característica que aproxima o cordel em análise ao público infanto-juvenil.

Dando prosseguimento, analisaremos o cordel intitulado “O Baile da girafa” de autoria de Èrica Montenegro, educadora natural de Campina Grande que vive atualmente no Recife. Neste folheto, conta-se os preparativos para um baile promovido pela girafa, após um longo período de distribuição dos convites, a anfitriã consegue a proeza de juntar animais que eram inimigos, restaurando a paz na floresta, conforme podemos observar:

A girafa nossa amiga

Resolveu um baile dar

Reunir todos os bichos

Para então comemorar

Era seu aniversário

Ela ia se esbaldar

Que girafa mais maluca

Reunir pra festejar

Animal que engole o outro

Cada um em seu lugar

Todos juntos, bem unidos

Para os parabéns lhe dar

E pensava numa maneira
De fazer uma grande festa
Não queria arranca-rabo
com os bichos da floresta
Pois bagunça e confusão
São coisas que ela detesta.

Preparou os seus convites
Foi depressa entregar
E em cada moradia
Algum tinha para deixar
Senão, ia ter no baile
Muito bicho a reclamar.

(MONTENEGRO, 2011: p.1)

Sendo assim, observamos elementos que caracterizam o imaginário infantil. Novamente encontramos personagens antropomorfizadas, capazes despertar a curiosidade do público infantil. Por fim, reconhecemos uma forte semelhança com o conto maravilhoso popular: uma lição é apresentada no encerramento da narrativa:

A girafa nesta história
Ensinou-nos bravamente
Que é preciso unir amigos
Mesmo sendo diferentes
Pois o que vale na vida
É o que cada amigo sente.

(MONTENEGRO, 2011: p. 11)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após as leituras e as análises realizadas percebemos que apesar das mudanças ocorridas no mundo contemporâneo, segundo as quais todos têm as mesmas oportunidades e liberdades, além de serem iguais perante a lei, os preconceitos disseminados pelo senso comum acerca da figura feminina permanecem existindo e com uma vitalidade impressionante.

Ao longo de toda a história do Brasil, a figura feminina tem conquistado os seus direitos à base de muita luta. Mas estes sempre chegam de forma tardia aos direitos conquistados pelo homem, como exemplo, poderíamos citar o direito ao voto, conquistado primeiro pelos homens.

Assim sendo, o universo da literatura popular, em todas as suas vertentes, permanece sendo dominado pela figura do homem. No que diz respeito ao folheto de cordel, é marcante o fato da quase predominância masculina em relação à tessitura feminina. O que pode ser explicado pelas razões históricas mencionadas anteriormente: as mulheres eram privadas da educação formal.

Nesta perspectiva, consideramos que o trabalho em sala de aula com os cordéis de autoria feminina deverá contribuir para todos os envolvidos neste processo de inserção: de um lado observaremos a uma forte popularização da escritura feminina de folhetos de cordel, e do outro, gradativamente, o despertar do gosto pela leitura da literatura popular nos nossos futuros leitores.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Clarissa Loureiro Marinho. **As representações identitárias femininas no cordel: do século XX ao XXI.** Recife, 2010. 283 folhas Tese (Doutorado). Universidade Federal de Pernambuco. CAC. Teoria da Literatura.

BORGES, Maria Núbia da Câmara. ; MORAIS, Vera Lúcia Albuquerque de. **A Mulher na Literatura de Cordel.** Recife: Editora Universitária da UFPE, 1981.

CURRAN, Mark J. **A Literatura de Cordel.** Recife: Editora Universitária da UFPE, 1973.

LUYTEN, Joseph M. **O que é Literatura Popular?** 5ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1992.

MONTENEGRO, Érica. **O baile da girafa**: cordel infantil. 3ª ed. Recife: Editora Coqueiro, 2011.

PINHEIRO, Hélder (org). **Literatura**: da crítica à sala de aula. Campina Grande: Bagagem, 2006.

_____ **Pesquisa em literatura**. 2ª ed. Campina Grande: Bagagem, 2011.

QUEIROZ, Doralice Alves de. **Mulheres cordelistas**: Percepções do universo feminino na literatura de cordel. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras da UFMG. 2006.

QUEIROZ, Laércio. Mulheres Repentistas: A saga das artesãs Mnemônicas. **Cadernos FAFIRE-LETRAS**. Recife, V4, Nº12, p.21-24, maio 2005.

SANTOS, Maria Nelcimá de Moraes. **A trajetória do leãozinho**. 2007.